

O gosto ou "Os movimentos secretos da alma".

António Pedro Pita

Tópicos para um debate sobre a educação do gosto¹

Os problemas propostos para esta comunicação revestem-se da maior complexidade mas (apesar disso? por isso?) são particularmente aliciantes e a sua discussão produtiva, em alguns contextos políticos ou pedagógico-didáticos, é sobremaneira urgente.

Pergunta-se: o gosto não é uma faculdade natural que existe desde sempre em cada indivíduo e cujo uso, precisamente, distingue os indivíduos? E com esta pergunta subentende-se a irredutível individualidade do gosto, o que é afirmação implícita de que ao plano do gosto é inacessível o propósito formador porque o gosto, para além de não se constituir, toma a forma de acordo com as prescrições de uma autonomia absoluta, a partir de dentro...

Pergunta-se: é possível uma educação do gosto? O gosto educa-se? E com estas perguntas é uma implícita resposta negativa que espreita, em reafirmação das convicções enunciadas no parágrafo anterior.

Apesar de tudo, é importante não esquivar os problemas que vivem nas questões propostas porque são questões reais, sobre as quais importa reflectir e, se possível, dar resposta.

O que vai ler-se não é, evidentemente, essa resposta. Limito-me a propor, de modo muito genérico, um possível esquema de abordagem e desenvolvimento.

1. Acepções da noção de "gosto"²

A entrada da palavra "gosto" no uso quotidiano e a sua utilização erosiva não facilitam nem a recuperação da etimologia nem a reconstrução da riqueza do seu campo semântico. É necessário, todavia, rasgar a via mais larga para essa dupla operação.

Assim, é necessário não esquecer que, antes de mais, o gosto é um dos cinco sentidos: é o que permite saborear os elementos e reside nas papilas gustativas. Por maior que seja o afastamento imposto a essa primeira significação por cada nível de significações seguinte, quer dizer: por mais intelectualizado que o gosto se torne, importa não esquecer nunca que esta procedência se mantém como horizonte primeiro, por mais distante que esteja ou pareça estar.

Depois, o gosto designa quer a capacidade que têm os alimentos de excitar o gosto quer o prazer que se sente em saborear qualquer coisa.

No século XVII, ocorre uma viragem de imenso alcance histórico-teórico transportada na utilização metafórica de gosto. O gosto desliga-se de um referente concreto na ordem dos sabores e desloca-se para uma outra ordem, na qual passa a designar a capacidade para apreciar uma coisa diferente dos alimentos e seus sabores (metáfora que terá aparecido no século XVI, consolidada no século XVII).

2. O "gosto" como categoria teórica

Considere-se o modo como Baltasar Gracián (1601-1658) se refere ao gosto: o gosto sensorial é o mais animal e interior de todos os sentidos mas é, ao mesmo tempo, uma primeira "espiritualização da animalidade". O gosto sensitivo é o ponto de partida do ideal de formação social porque apela a uma *comunidade de gosto*. Dito por outras palavras: o que parecia estar confinado a uma individualidade irreductível torna-se comum, quer dizer: social.

Neste sentido, percebemos de que modo é que a afirmação de gosto - que é sempre uma afirmação individual: um "eu gosto" - nos permite remontar aos fundamentos epistemológicos e político-sociais dos tempos modernos: é que só liberto de constrangimentos exteriores (kant dirá só em situação de maioridade) um indivíduo se encontra disponível não só para escolher mas também para afirmar o seu gosto, quer dizer, para dotar de pertinência o enunciado de uma subjectividade que sente.

Não surpreende, por isso, que numa das obras mestras da filosofia contemporânea (*Verdade e método*, Ediciones Sígueme, Salamanca, p. 38-74) Hans Georg Gadamer considere o gosto um dos quatro "conceitos básicos do humanismo" (sendo os outros, a formação, o sentido comum e a capacidade de juízo).

De que modo pode estabelecer-se esta constelação teórica e qual, nela, a importância do gosto, torna-se claro recorrendo a um texto do já referido Baltasar Gracián que escreveu em *El discreto*: "não se nasce feito; grande assunto da prudência e da experiência, que são precisas mil perfeições para que chegue a tão grande completude. Um general faz-se à custa do seu

sangue e do alheio, um orador depois de muito estudo e exercício; até um médico, que para levantar um doente da cama pôs um cento na sepultura. Todos se vão fazendo até chegar ao ponto da sua perfeição.

- "E pergunto: esse ponto a que chegaram será fixo?"

- "Essa é a infelicidade da nossa inconstância. Não, porque não há estrela fixa (...); não há estado mas contínua mutabilidade em tudo. Ou se cresce ou se diminui, deavairando sempre com tanto variar"³.

3. O exercício do gosto

Quando utilizamos, hoje, a noção de gosto já não nos referimos à sua significação primeira. Depois da sua subjectivação na filosofia kantiana, a categoria de "gosto", na sua significação actual, *intelectualizou-se*. Mas, como já sublinhámos com veemência, a significação primeira não abandonou completamente a acepção actual. É-lhe, por assim dizer, inerente.

É indispensável não perder de vista este ponto: o movimento entre a concretude da acepção sensorial e a abstracção da acepção cultural é inerente à actual noção de gosto. Isto é: trata-se de nos referirmos aos objectos (culturais ou não, sejam acontecimentos ou obras de arte) segundo a mesma disposição mental com que nos referimos aos objectos primitivamente referidos pelo gosto sensitivo. Estabelecer uma afirmação de gosto (não gosto da música de Marco Paulo, gosto do cinema de Hitchcock; gosto dos romances de Eça, não gosto da pintura de Magritte) é estabelecer com o respectivo correlato uma relação que conserva todas as características da primitiva afirmação de gosto sensorial.

Repare-se, no entanto, que há duas características fundamentais implicadas na afirmação do gosto

que des
simpl
subjecti

A prime
correlato
respons
um sabr
digo qu
uma de
não dig
dizer qu
"eu go
exclusiv
Se há a
qualqu
gosto"
de quali
ser go
caracte
organiz
gostáve
gosto"
indirect
uma af
uma

A seg
depend
gostáve
que ter
este fa
de co
erudita

Vejam
compê
já se d
formul
uma re
é, ser
object
gostáve
existe
de cor
no ob
possí
magn
perani
uma c
demon
perant
algun
modo
ângul
beleza

que deslocam o problema de uma simples declaração de subjectividade.

A primeira: aquilo de que gosto (o correlato do meu gosto) é também responsável pelo meu gosto (tem um sabor). Quando gosto (quando digo que gosto) não estou a fazer uma declaração arbitrária, gratuita: não digo que gosto como poderia dizer que não gosto. A afirmação "eu gosto" não compromete exclusivamente o sujeito da frase. Se há alguém que, relativamente a qualquer coisa, pode dizer "eu gosto" é porque o objecto visado, de qualquer modo, é susceptível de ser gostado. Isto é: apresenta características susceptíveis de se organizarem na forma de objecto gostável. Em suma: a afirmação "eu gosto" implica sempre, directa ou indirectamente um outro. É sempre uma afirmação de relação e não uma afirmação subjectiva.

A segunda: o facto de gostar depende da relação entre o que é gostável no objecto e a capacidade que tenho em corresponder-lhe; e este facto parece ser independente de considerações contextuais, eruditas ou outras.

Vejamos os dois planos de que se compõe esta característica. Como já se disse, a afirmação "eu gosto" formula (a despeito das aparências) uma relação. Se se diz "eu gosto" é, sem dúvida, porque há um objecto que se nos propõe como gostável mas é também porque existe no sujeito uma capacidade de corresponder ao que é gostável no objecto. Há vários exemplos possíveis da situação: uma magnífica poesia chinesa posta perante quem não saiba chinês é uma grafia inteligível; uma bela demonstração matemática colocada perante quem se limita a reconhecer alguns símbolos é captada de um modo parcial e, porventura, daquele ângulo que não presta justiça à beleza do desenvolvimento; um belo

poema português resulta inteligível se for lido à superfície da sua significação literal, por leitores desatentos (desatentos? ou inexperientes? ou ignorantes?) da construção metafórica que toda a poesia é.

Neste último caso, sempre pode perguntar-se o que traz a metáfora, que pode ser um entrave à compreensão imediata. A metáfora traz um alargamento do mundo, um alargamento da sensibilidade do mundo, um alargamento do conhecimento do mundo, porque há um conhecimento singular - a sensibilidade (ou o sentimento) têm uma função noética.

4. A formação do gosto

Pergunta-se: a capacidade de corresponder ao objecto é independente de contextos culturais ou outros? Quer dizer: o gosto é imediato? Há certamente uma possibilidade imediata de afirmação de gosto. Mas é frequentemente uma afirmação elementar ou superficial. Porque nem todas as dimensões do objecto se dão no mesmo movimento: o tempo é necessário para que as coisas venham à luz, e são necessários tempos diferentes para que as várias dimensões de um objecto se revelem.

Mas o tempo de que aqui se fala é complexo: não é o tempo do observador nem é o tempo do objecto. É o tempo de que necessita um observador para ser capaz de se tornar sensível às diferentes dimensões de um objecto.

Se permanecermos no âmbito do gosto sensorial, concluiremos que o gosto não mobiliza um sentido, nem mesmo vários, mas sim a confluência (a ressonância) de uns sentidos em outros - isto é, mais propriamente o sensível do que os sentidos.

A afirmação de gosto, precisamente porque é uma afirmação do sensível (do sensível que nós somos), é uma afirmação individual. É, por isso, uma afirmação natural, cujas condições dão dadas de uma vez por todas?

O gosto sensorial é a capacidade de sentir, ao mesmo tempo, elementos individuais e a totalidade que eles constituem. O gourmet distingue os elementos que compõem uma receita e deleita-se com a totalidade que eles constituem.

O conhecimento segundo o gosto sensorial não possui um momento de análise. O gosto é a capacidade de apreciar totalidades e os seus elementos, simultaneamente.

Baumgarten estabeleceu na sua *Estética* que o gosto ou capacidade estética compreendia, entre outras, as seguintes faculdades:

- 90
- a) a capacidade de sentir com acuidade: responder ao que afecta os sentidos, o sensível; o pintor Kandinsky usou a metáfora do violino para exprimir a capacidade de sentir: "homens com uma sensibilidade apurada são como bons violinos com muito uso, que ao mais pequeno toque vibra intensamente";
 - b) capacidade de imaginar com vivacidade: ultrapassar o imediatamente presente, reconhecer possibilidades ainda não realizadas;
 - c) capacidade para o esprit de finesse: permite polir o material que os sentidos e a imaginação fornecem;
 - d) memória.

É ainda na *Estética* de Baumgarten que colhemos uma observação preciosa referente ao exercício estético: consiste "na repetição assaz frequente de actos homogêneos quanto ao seu objectivo, que é a obtenção de um certo acordo do espírito e da sua inclinação natural" (§ 47), exercício

que deve permitir a aquisição gradual de maior aptidão estética. O que nos conduz especificamente ao problema da educação do gosto.

Como vimos, o gosto corresponde a uma disposição natural e é sempre uma expressão individual. Significa que o gosto permanece imutável, que é insusceptível de transformações e que é do princípio ao fim uma construção individual? Deve responder-se negativamente a qualquer uma destas perguntas.

Por um lado, o gosto desde as suas origens sensitivas está implicado numa intencionalidade que contraria a soberania do sujeito. Se o gosto supõe um correlato gostável, supõe por isso mesmo uma comunidade-de-gosto (um comum sensível).

Por outro lado, o gosto solicita uma partilha - também aqui a geração de uma comunidade de gosto: se eu gosto, gosto que outros gostem do que eu gosto. A arte é o meio privilegiado da socialização dos sentimentos.

Finalmente, a expressão individual do gosto não dispensa nem a presença de uma norma a partir da qual se afirma o gosto nem a presença activa, mesmo se silenciosa, dos pre-conceitos que nos constituem como seres históricos, tanto mais eficazes quanto menos visíveis, tanto mais eficazes quanto mais activos sob a forma da evidência e do natural.

Educar o gosto é apurar a capacidade de distinguir e de vibrar com os elementos que compõem um conjunto e apurar a capacidade de, simultaneamente, não perder o conjunto.

Educar o gosto é multiplicar as possibilidades de vibração com conjuntos cada vez mais complexos e, ao mesmo tempo, ser capaz de identificar cada vez com maior nitidez os elementos que compõem

esses c

Chama
aguçar
capacit
quer di
os elem
à conc
suscep
maior
object
object

Assim,
por se
por se
apurac
diferen
a pala
exigen
como
se vai
vai de
níveis
secret
traço.

O gos
movir

esses conjuntos.

Chamamos a este processo: apurar, aguçar. É tornar mais apurada a capacidade de sentir. Mais sensível quer dizer: menos limitado por todas os elementos exteriores e anteriores à concretude da relação e mais susceptível de ser afectado pelo maior número de elementos do objecto que se dá a sentir, pelo objecto na sua maior complexidade.

Assim, o mesmo objecto captado por sensibilidades diferentes (ou por sensibilidades diferentemente apuradas) corresponde de maneira diferente. Diferente, aliás, não é bem a palavra: para sensibilidades mais exigentes, mais apuradas, o objecto como que se vai abrindo, como que se vai multiplicando, como que se vai desdobrando em fases, em níveis, em ondas cada vez mais secretas até que cada palavra, cada traço, cada plano são significantes.

O gosto é o nome singular para "os movimentos secretos da alma"⁴.

Notas

1. Tópicos que serviram de apoio a uma comunicação apresentada na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti no Porto, em 17 de Novembro de 2000.

2. Cf., para o âmbito estrito deste parágrafo: Jacques Aumont, *De l'esthétique au présent*, DeBoeck Université, Paris-Bruxelas, 1998, p. 47-54, esp.: 48.

3. Baltasar Gracián, *El discreto*, Espasa-Calpe, 7ª ed., 1969, p. 110-111.

4. M. Jimenez, *Qu'est-ce que l'esthétique*, p. 67.